



TOLEDO, Conceição Arruda. Venda Grande. Diário do Povo,
Campinas, 07 jun. 1975.

Venda grande 7/6/75

Diário do Povo

CONCEIÇÃO ARRUDA TOLEDO

A data de hoje, 7 de junho, assinala o episódio histórico vivido por Campinas há 133 anos passados, (7-06-1842), num local da fazenda Sta. Genebra, quando as forças imperiais infligiram a derrota final às forças sublevadas da província de S. Paulo, chefiadas pelo brigadeiro Tobias de Aguiar.

Numa competição desigual de forças, — pois as tropas imperiais vindas de todo o país, numerosas, municionadas, afeitas à guerra e sob comando organizado. — ao contrário das de Tobias de Aguiar que conseguira aglutinar um pugilo de idealistas, civis, políticos liberais, gente habituada ao trabalho, conhecendo apenas o manuseio de armas de caça, cujo objetivo era a ocupação da Capital da Província e a deposição de seu presidente, agindo com lentidão, sem os cuidados do sigilo necessário ao ataque de surpresa — garantia do sucesso —, permitiram que as forças governamentais dominassem a Capital e enviassem tropas para a repressão. Os homens de Campinas, acampados no engenho da Lagoa ou Venda Grande, como era conhecido, foram apanhados de surpresa, rendendo-se facilmente, sendo porém, cruel e covardemente assassinados a golpes de baloneta pelos soldados boçais, em cujas mãos foram abandonados pelo alto comando.

As vítimas foram sepultadas provisoriamente no próprio local do combate (que praticamente não houve!), tendo o CCLA, em 1956, por iniciativa do então presidente Luís Felipe da Silva Wiedmann, mandado erigir um marco de granito, onde se fixou uma placa com os dizeres: — “Combate da Venda Grande” — 7-06-1842 — E em baixo: — “Homenagem do Departamento de História do CCLA”.

Estes episódios são desconhecidos do público, embora venham sendo comentados pela Imprensa desde o I Congresso de História de S. Paulo, realizado em Campinas pela PUCC, em julho de 1972, pelo coordenador Prof. Odilon N. de Matos, que pretendia conduzir os congressistas para uma visita ao local desistindo após verificar o seu abandono pelo poder público.

Na abertura do Seminário “Campinas — Humanização e Lazer”, realizado no SESC, em fevereiro de 1973, o mesmo prof. Odilon Nogueira de Matos aproveitando a presença do sr. Prefeito Municipal fez-lhe ver a importância desse episódio para a cidade — seu único marco histórico — solicitando-lhe a urbanização daquela área e o acréscimo de alguns dados para elucidar os visitantes, como: — “Neste local, a 7 de junho de 1842, as tropas imperiais infligiram a derrota final aos revoltosos da revolução liberal que, naquele ano, ocorreu na província de S. Paulo”.

Como todos os demais participantes daquele Seminário, eu vi e ouvi perfeitamente S. Exa. prometer a urbanização do local, ajardinamento da praça (e até, se não me falha a memória, o asfaltamento do trecho que o liga à estrada dos Amarais), ordenando ao então secretário de Obras, dr. João Pozzuto Neto, o imediato estudo da matéria para por logo o plano em execução.

Pois bem. Há questão de um mês ou pouco mais, o presidente da Academia Campinense de Letras, dr. Lycurgo de Castro Santos Filho, foi convidado pelo Grupo Cultural "Cecília Meireles" para uma aula sobre a Venda Grande.

Fomos conduzidas até o local que supúnhamos já urbanizado, para uma aula prática, de onde poderíamos ter uma visão de como sucedera o histórico episódio.

Qual não foi o nosso dissabor ao verificar que nem a aproximação do antigo marco era possível, tal o matagal existente.

Com grande esforço, dr. Lycurgo conseguiu vencer o mato crescido e, numa aula tragicômica em que ele, daquela elevação gritava ao vento a narrativa histórica a um grupo de distintas senhoras, elegantemente trajadas, sob a presidência da sra. Marina Homem de Mello, esticando o pescoço para vê-lo e aguçando os ouvidos para ouvi-lo, emaranhavam-se entre os carrapichos e os picões do matagal, assustando os moradores das proximidades, que não podiam atinar com o que estava acontecendo...

Francamente, foi constrangedora a verificação de que depois de mais de dois anos da promessa pública e perentória de S. Exa., o local do Combate da Venda Grande está bem, mas bem pior, do que se encontrava na ocasião em que ela fora feita.

E a lagoa, que poderia ser um ponto de atração, está entupida de "papudos", perigosíssima para as crianças que ali brincam inocentemente, além da poluição natural do ambiente, a visual, antiestética e antipatriótica.

Um novo Seminário está sendo noticiado pelo SESC, no mesmo sentido do primeiro, isto é: humanização e lazer, além da verificação dos pontos positivos nele alcançados.

Espero que não precise "cobrar" do poder público o cumprimento daquela promessa, porque uma Prefeitura como a de Campinas, que tem condições para, em 93 horas, ajardinar uma praça como a "General Humberto de Sousa Mello", que eu fui ver domingo último e impressionou-me muito bem, naturalmente que em tempo igual, se quiser, efetuará os melhoramentos no local da Venda Grande, aproveitando a passagem de mais uma de suas efemérides.

Ou não pode?